

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

---

L. 137764

LUCIUS ANDREAS RESENDIUS

INVENTOR DA PALAVRA «LUSIADAS»

---

(Separata do *Instituto*, vol. 111)



COIMBRA  
Imprensa da Universidade  
1905



L 13776 -

LUCIUS ANDREAS RESENDIUS

INVENTOR DA PALAVRA «LUSIADAS»



COMPRA

Carolina Michaëlis de Vasconcellos

---

# LUCIUS ANDREAS RESENDIUS

INVENTOR DA PALAVRA «LUSIADAS»

---

(Separata do *Instituto*, vol. 1.11)

151991



---

COIMBRA  
Imprensa da Universidade  
1905



## LUCIUS ANDREAS RESENDIUS

### Inventor da palavra *Lusiadas*

No louvável empenho de decidir se a honra de ter creado o termo poético, altisoante e verdadeiramente clássico, de *Lusiadas* (por *Lusitanos*), escolhido pelo Vergílio português para título da sua imortal epopeia, compete a *Mestre André de Rêsende*, pae dos estudos arqueológicos em Portugal, ou antes a Jorge Coelho (seu amigo, mas tambem seu rival, em poesia, no púlpito, e como Mentor dos Infantes em seus estudos humanísticos) um preclaro lente da Universidade de Coimbra inclina-se a dar a palma de inventor a este último (1).

Para o autor das *Antiguidades Lusitánicas* reserva apenas a glória de haver sido um dos padrinhos do poema nacional — aceitador e propagador da sonora innovação.

Esponaneamente, eu havia quebrado lanças a favor de Rêsende, e attribuido o papel de imitador a Coelho, ha mais de um decénio (2). E a recente tese, comquanto defendida com saber e argucia, não me fez mudar de opinião.

Eis os factos.

Rêsende empregou a palavra *Lusiadas* (respectivamente *Lusiadae Lusiadum*), com a parcimónia digna de um homem

---

(1) O Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. José Maria Rodríguez no *Instituto*, vol. II, p. 754.

(2) Na *Geschichte der portugiesischen Literatur*, em Groeber, *Grundriss* II, p. 320 (cfr. p. 279, n.º 1) numa nota muito concisa, que não é isenta de erratas (p. 270 por 279; 1535 por 1536). Desenvolve-a posteriormente em *Randglosse* xv, *Zeitschrift*, vol. xxix).

de ciência, «sendas» vezes (para empregar um termo arcaico insubstituível) em várias obras poéticas latinas. No artigo sobre as *Fontes dos Lusíadas*, a que me refiro, as mais antigas d'essas passagens foram tresladadas e interpretadas, mas de um modo que não me satisfaz inteiramente.

A primeira pertence ao *Elogio de Erasmo* (*Erasmii Encomium*), escrito em Lovânia em fevereiro de 1531.

A segunda é da *Vida de S. Vicente*, composta pouco depois, no agradável e fecundo ócio que o ilustre eborense gozou em Bruxelas, nos paços do embaixador D. Pedro de Mascarenhas, de outubro de 1531 a outubro de 1532.

A terceira faz parte de uma das Epístolas dedicadas a Pedro Sánchez, e é datada de Évora, maio de 1543 (1).

O carmen sobre a sagração do cardeal-infante D. Afonso em que Jorge Coelho emprega, pela sua vez, a nomenclatura épica, na sua estreia literaria — e logo não uma só vez mas tres de seguida, com insistência que póde parecer excessiva num innovador ainda não consagrado, saiu impresso em 1536. E foi seguido de perto (em 1540) de outra colecção de versos, muito mais limados e valiosos, em que continúa a servir-se d'ela em mais alguns trechos. Sempre na forma por ele preferida de *Lysiadae* (respectivamente *Lysiadas*) (2).

---

(1) Além d'essas tres passagens rêsendienas conheço mais duas, não citadas no *Instituto*, por serem muito tardias e portanto sem importância para a solução do litígio. Uma ocorre na Epístola á Infanta D. Maria, impressa em 1551 juntamente com a *Oratio habita Conimbricae*. A outra acha-se numa Ode a D. Sebastião, publicada em 1567. A primeira diz:

*Nunc tecum o princeps sermo est mihi maxima, gentis  
Lusiadum, et sexus decus immortale secundi.*

A ultima :

*Rex et Lusiadum tuorum ocelle  
Et spes unica...*

(2) Vid. por ex. *Corpus Illustrium Poetarum* vii, 375, na Invocação a S. Jorge : *Lusiadum Patrone potens*. A p. 377 temos *Lusiadum*.



De 1531 a 1536 ha um lustro inteiro. Em 1545, quatorze anos depois da composição do *Encomium* (1), Rêsende historiou, ou antes esboçou (não num escrito especial, mas de passagem e como que obrigado, no Comentário do *Vicente*) (2) a evolução do termo, assentando singela mas redondamente que ele fôra seu criador e que já então o vocábulo era empregado por muitos, e em particular por Jorge Coelho, a quem classifica de amigo seu, orador e poeta insigne, e o mais entusiástico dos seus sequazes (3). Por tudo isso sempre me quis parecer que a iniciativa de Rêsende era segura e incontestável.

(1) Um pouco tarde para quem tivesse empenho em desarraigair opiniões errôneas formadas em 1536 e confirmadas em 1540. Com isso não quero negar todavia a probabilidade de que alguns áulicos houvessem attribuido a invenção a Coelho, muito embora não surgisse realmente *questão*, no sentido moderno.

(2) Livro II, v. 195, nota 48, p. 79. Vid. *Instituto*, vol. II, p. 755.

(3) De accordo com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Rodríguez creio que durante algum tempo, de 1533 a 1540, houve não só rivalidade literária, mas mesmo certa animosidade ciumenta pessoal entre Rêsende e Coelho. O eborense que se retrata a si próprio como homem rústico, avesso a cerimónias e requintes da côrte, e não largou o hábito dominicano senão constrangido, em 1540, não queria dos reinantes senão duas coisas: *otium cum dignitate* para se poder dedicar ás musas e a Minerva, e a liberdade de viajar, tanto lá fóra para freqüentar sábios estrangeiros, como dentro do país para estudar *Antiguidades*. A vida áulica desagradava-lhe. Das suas veleidades nobiliárquicas falei em outra parte. Coelho, pelo contrário, filho do companheiro de Vasco da Gama e irmão do estribeiro-mór da rainha D. Catarina, parece não ter sido isento de prosápia, e vaidade; gostava da côrte onde era bem-visto, e conseguiu rapidamente benefícios eclesiásticos, tenças régias, assim como o posto de secretário do Infante D. Henrique. Como indício de certo despeito de Rêsende citarei a carta genealógica de 1534, em que pergunta com ironia, por que motivo Coelho preferiu a latinização *Coelius* ou *Chaelius* a *Cuniculus*; certos versos sobre as amarguras da vida áulica em que diz a Damião de Goes:

*Vivat haec Chaelius uni  
Cui vatum placet aula!*

*viva nella Coelho, unico entre os poetas a quem agrada a côrte; e final-*

O crítico português nega-a todavia, apesar de conhecer perfeitamente as declarações categóricas feitas nas Anotações do poema hagiográfico, por meio das quaes Rêsende vindicou para si a paternidade não só da palavra *Lusíadas*, mas também a de *Tágides*, *tagano* e *trans-tagano* (1). Esse scepticismo estriba-se nas considerações seguintes:

1) O *Erasmii Encomion ad Goclenium*, do qual não é conhecida edição anterior á de 1600, foi «evidentemente» retocado depois que Rêsende voltou para Portugal.

2) O *Vincentius Levita et Martyr* não saiu á luz senão em 1545.

3) A poesia de Jorge Coelho, pelo contrário, embora saísse em 1536, tinha sido escrita em 1526.

4) Se Rêsende se tivesse servido da palavra *Lusíadas* em alguma obra impressa antes de 1536, não teria deixado de o notar (em 1545), tal qual o notou com relação a *Tágides*, *tagano* e *trans-tagano*.

Vê-se que o ponto mais importante é, para o sábio lente da Universidade, a impressão, ou consagração pública do vocábulo.

Em resposta digo:

Ad. 1). Desconheço como todos os demais *editio princeps* do *Encomion* (2). Apenas sei que o panegírico foi logo remetido

mente uma carta de Erasmo ao mesmo Damião (N.º 46 das *Cartas latinas*, ed. Joaquim de Vasconcellos). A questão dos *Lusíadas*, se realmente existiu, talvez contribuisse a acirrar a animosidade de Rêsende.

(1) Livro II, v. 89, nota 25, p. 69. Cfr. *Instituto*, vol. LI, p. 758.

(2) São raríssimas todas as obras de Rêsende publicadas no estrangeiro, antes de outubro de 1533, quer em Lovânia na tipografia de *Servatius Sassenus*, quer em Basilea em casa de Froben, ou em Bolonha nas oficinas de Joannes Baptista Phaellus. Por isso mesmo, muitas questões bibliográficas estão em aberto: ninguém estabeleceu por ex. até hoje, se por ventura a carta *Adversus Stolidos politiores literaturae oblatratores* (inspirada por Erasmo, a concluir do título, impressa em Basilea em casa de Froben, e directamente relacionada com um trecho do *Encomion*) não ia acompanhada d'essa obra e de uma carta, quer a Goclénio, quer a Erasmo.

ao destinatário, então residente em Friburgo, por intervenção de um amigo comum, Conrado Goclenio, lente no Colégio Trilingue Buslejano (1). Não é impossível, embora o ache pouco provável, que Rêsende tivesse enviado o manuscrito autógrafa ao grande humanista — a letra do português é de admirável firmeza e clareza (2) — e que nunca o editasse, sendo portanto realmente primeira impressão a de 1600. Mas do mesmo modo, e por isso mesmo, ignoro quaes são esses retoques «evidentes». Nem sou capaz de imaginar com que fim seriam feitos, se ao autor repugnava divulgar o seu amor apaixonado pelo sábio de Rotterdam. Ha nesse poema referências a D. João III e ao cardeal-infante como admiradores de Erasmo, e alusões relativas ao saber de D. Miguel da Silva, Francisco de Mello e Luís Teixeira (3). Mas nem umas nem outras são necessariamente posteriores a 1531.

A viagem (por mar) a Lovânia, empreendida por Frei André em 1529 ou um pouco antes, já tinha por fim principal vêr Erasmo que venerava de ha muito, e a cujos pés desejava sentar-se, escutando a sua elegante e puríssima dicção. Nem

---

(1) Erasmo respondeu em junho de 1531, louvando muito o carácter e o talento do seu devoto, mas um pouco surpreendido, ou mesmo desconfiado da exuberância do amor lusitano. Do poema diz que tudo nele lhe agradou, a não ser que o teria desejado mais extenso ainda: *in quo nihil mihi non magnopere placuit nisi quod videretur brevius meque adhuc famelicum ac sitientem reliquerit*. Vid. *Opera* ed. Lyão, vol. III, c. 1406; *Epistulae* ed. Londres, liv. XXVIII, N.º 43; *Cartas latinas* de Damião de Goes, ed. Joaquim de Vasconcellos, N.º 59.

(2) Vejam o fac-simile publicado no *Arquivo Histórico*, vol. III, fasc. IV. Conheça-a de resto, por uma longa série de notas marginaes em latim e grego, lançadas pelo próprio autor em algumas primeiras edições de obras suas, e que pertencem á nossa Biblioteca particular.

(3) D. Miguel da Silva saiu definitivamente de Portugal no ano de 1539. As suas relações pessoais e literárias com italianos insignes são todavia anteriores de muito a esta data. Lembro por ex. a homenagem que em 1529 lhe foi prestada por Baldassare Castiglione (dedicatória do *Cortigiano*).

devemos esquecer que os anos que antes d'isso vivêra na côrte de D. João III, servindo com muito amor a D. Afonso, conforme explica na *Vida do Infante D. Duarte*, constituem a época auspiciosa e intelectualmente liberal, em que Aires Barbosa continuava a propaganda a favor do saber clássico, principiada no reinado de D. Manuel por Luís Teixeira, e por mais alguns discípulos de Angelo Poliziano, relacionados com Erasmo (1). Época em que, por sinal, este grão-mestre dos humanistas se dirigiu em uma longa epístola a D. João III (2). Mas época que, infelizmente, foi de pouca dura. Em conciliábulo pequeno, Rêsende, Clenardo, Goes, ainda prantearam no ano de 1536 commovidos, em cartas e poemas mais ou menos dignos de aplauso, o óbito do celebérrimo latinista. A reacção religiosa e o costume de considerar Erasmo como partidário de Lúthero, e o humanismo em geral como inseparável de ideias *protestantes*, havia-se comtudo alastrado, com rapidez significativa, dos reinos de Carlos V aos de seu cunhado (3). Por isso a reserva observada por Rêsende depois do regresso, muito estranhada e censurada por Erasmo, não é de espantar (4).

---

(1) Não seria difícil escrever um capítulo (pequeno) sobre *Erasmus em Portugal*, com testemunhos anteriores a 1536, ano em que Aires Barbosa publicou a sua *Anti-Moria*:

*Nec sonat illepide pravam qui damnat Arius  
Stultitiam quam quidam olim laudavit inepte.*

Para amostra lembrarei a *Rhopica Pneuma* de João de Barros (1531).

(2) Vid. *Epistulae*, ed. Lond., lib. xxviii, N.º 83, c. 1862.

(3) Em outro lugar (*Arch. Hist.* III, No 5) mostro que certos decretos imperiaes contra a livre discussão de escritos *reformistas*, e contra a leitura das obras de Erasmo levaram Rêsende a sair precipitadamente da companhia de Goclénio e dos outros amigos de Lovânia, refugiando-se a Bruxelas.

(4) Em março de 1534 Erasmo continuava encantado de Rêsende, cujo *Genethliacon*, composto e impresso em 1533, havia recebido (provavelmente com uma carta de Ratisbona) e lera com verdadeiro prazer. (Vid.

Ad. 2). O poema sobre o martírio e a tresladação de S. Vicente foi positivamente publicado quatorze anos depois da composição original, por motivos expostos pelo próprio poeta. Por tanto não admiraria se, após tão longo intervalo, o houvesse revisto e retocado.

Logo (Ad. 4) hei de provar todavia que um trecho importante, de cincoenta e tantos hexâmetros, incluindo o verso relativo aos *Lusiadas*, não foi alterado e se lia, em 1534 pelo menos, tal qual saiu onze anos depois e ainda hoje se lê na impressão de 1600.

Ad. 3). Não creio que o poema sacro de Jorge Coelho, dedicado ao Cardeal-Infante, date de 1526 (1), nem me explico por que razão o autor o havia de conservar inédito durante os nove anos de Horácio. Tudo quanto leio nele e d'ele sei, indica o contrário: composição rápida e pouco cuidada, e impressão precipitada (2). Nem mesmo conheço provas de que

*Cartas latinas*, N.º 62). Em agosto de 1535 admirava-se de nunca mais haver recebido notícias do eborense (*ib.* N.º 46), atribuindo o silêncio á sua elevação a uma alta dignidade eclesiástica. Em dezembro chamava-o «rusticamente ingrato» (N.º 47), pela mesma falta de cartas.

(1) Em teoria acho pouco provável que um humanista, novato, cortesão e ambicioso, deixasse decorrer um decénio inteiro sem dar provas públicas da sua habilidade literária, celebrando o seu Mecenas. Praticamente julgo que o Cardeal-Infante (n. em 1509) não começaria a ser considerado como adulto e distinguido com a dedicatória de trabalhos literários senão depois de 1530. Por ora sei, comtudo, apenas que Rêsende começou em 1533, por ordem do príncipe, as suas expedições arqueológicas e juntamente uma Memória latina sobre *Monumentos romanos em cidades lusitánicas*, a qual no futuro veio a dar as *Antiquitates*, e que Aires Barbosa lhe dedicou em 1536 a já citada *Anti-Moria*, anti-erasmiana.

(2) Na Dedicatória, Coelho diz: *praesens carmen celeriter conscripsi*. Numa carta a Damião de Goes (N.º 24), destinada a acompanhar em 1540 a remessa de um exemplar dos versos *De Patientia Christiana*, confessa que a poesia sobre a sagração do Infante-Cardeal e outra sobre a Virgem da Conceição que saíra ao mesmo tempo, não haviam agradado a todos, em parte pela dificuldade dos assuntos divinos, em parte por causa da sua

em 1526 Coelho já estivesse em Portugal, chamado por ventura de Salamanca a fim de auxiliar (e substituir mais tarde) o velho Aires Barbosa (1).

Mas, se com efeito assim fosse, então seria indubitável que essa obra juvenil foi alterada antes de ser entregue aos prelos de Santa Cruz de Coimbra (2).

Ha nela (exactamente em um dos trechos em que o termo *Lysiadae* ocorre), alusões claras e directas á recente expedição de Carlos V a Tunes :

*At nunc invectus Turcarum clade recenti  
Indomitus premit arma sophis gentemque nefandam  
Frangi posse docet, dum late maximus errat  
Victor et Assyrios faecundat sanguine campos  
Quin etiam classe ingenti invictaque phalange  
Lysiadumque manu valida, Tunetica bella  
Magnanimus gessit Carolus (3).*

Alusões claras e directas tambem á parte que o Infante D. Luís tomou nessa campanha de 1535 :

*Marte potens Lybico Princeps Ludovicus...*

---

própria inexperiência artística, e tambem pela pressa com que a edição fôra realizada : *quae enim carmina de Alfonsi Cardinalis consecratione scripserim vel rerum divinarum obscuritate vel festinata nimis editione vel certe quod illa aetate non per inde poeticae stadio promoveram minus nonnullis placuerunt.*

(1) Rêsende menciona Aires Barbosa e Gaspar Moreira como mestres de D. Afonso e dos Infantes mais novos ; mas não fala de Coelho. Barbosa Machado parece indicar que a nomeação para secretário do Infante D. Henrique, que se realizou em 1534, foi quasi simultânea com o regresso d'ele á patria.

(2) A *Anti-Mória*, tambem impressa em Santa Cruz, é precedida de uma carta de Coelho. Seria bom se alguém juntasse todas as obras dedicadas ao Cardeal-Infante afim de conferir as datas e extrair os elementos biográficos que por ventura encerrram.

(3) *Corpus* VII, p. 280. Nunca vi a ed. de 1536.

E em terceiro lugar referências ao Infante D. Henrique como arcebispo de Braga, dignidade á qual fôra elevado em 1534:

*At vero Henricus quo praesule Brachara dives.*

Resta dizer que tambem na epígrafe o cardeal D. Afonso é designado como *Cardeal com título dos Santos João e Paulo*, o qual não lhe foi conferido senão no ano da impressão, certamente com festejos merecedores das palavras encomiásticas da carta-dedicatória a respeito de regozijos universaes (1).

Ad. 4). Em vista do facto que Mestre André, ao dar conta em 1545 de que ele fôra criador dos vocábulos *Tágides, tagano* e *transtagano*, indicou por miudo as obras em que os havia valorizado (2), parece lógica a já mencionada hipótese que tambem teria procedido assim com respeito a *Lusíadas*, se realmente a palavra houvesse sido impressa em obras suas, anteriores.

A realidade não confirma todavia essa conjectura. Abstraindo do *Encomion*, talvez impresso e talvez não, Rêsende *poderia ter alegado e não alegou* um seu discurso que deve ter levantado brado: a *Oração de Sapiencia*, a favor dos estudos helénicos, por ele pronunciada na própria capital perante um público de lentes e estudantes da Universidade, a um de

(1) Estes talvez inspirassem a descrição (retrospectiva) da sagração de 1526. É sabido que o filho de D. Manuel fôra, por graça especial de Leão X, nomeado cardeal aos nove anos; usou do título de S. Luzia *in Septem Soliis* de 1518 a 24, do de S. Bras até 36; e só de aí em diante do dos Santos João e Paulo. O chapeo com as demais insígnias fôra-lhe com effeito remetido em 1526. Desde 1523 administrava nominalmente o bispado de Evora; efectivamente, de 1533 até morrer em 1540.

(2) O carmen sobre a morte de D. Beatriz de Saboia e a carta a *Bri-tónio* (correspondente de Luisa Sigea?) pertencem ao numero das composições rêsendianas perdidas ou pelo menos desconhecidas.

outubro de 1534, e impresso, com dedicatória a D. João III, antes de o mês findar:

*L. Andr. Resendii Lusitani Oratio pro rostris pronunciata in Olisiponensi academia, calēd. Octobri MDXXXIII. Olisipone, In officina Germani Galliardi Galli, Mense Octobri MDXXXIII (1).*

No fim d'essa bela peça oratória, sua estreia em Portugal, o autor disserta sobre os nomes e as origens de Lisboa, expondo então as opiniões que a este respeito havia enunciado no poema de S. Vicente (2), e recita textualmente os versos 150-202 do Livro Segundo, incluindo o 195; que diz:

... ea poterat, securus vivere Ulysses  
Inter Lusiadas, nisi amor revocasset amatae  
Coniugis et patriae gnatique et cura parentis...

para em seguida arrematar o discurso com novos incitamentos:

*Haec de vestrae urbis conditione, quamquam rudi carmine, decantata a nobis sunt, sicut et eius claritudinem laudesque multis alijs carminibus et locis testati sumus.*

*Multum tamen dignitatem eius et nobilitatem auferent reformati liberalium disciplinarum studia, quando quidem videmus ignobiles alioqui vicos sola eius rei gratia in urbes clarissimas brevi crescere, opulescere, nobilitari.*

*Id si tua cura, scholarum rector sapientissime, si vestra opera fiat, magistri doctissimi, bona ope urbem vestram au-*

(1) Este discurso académico, dedicado a D. João III, e outro de 1551 (*Oratio habita Conimbricae*), dedicado á Infanta D. Maria, fez nascer a lenda que Mestre André fôra lente da Universidade, primeiro na capital e depois na Lusa-Atenas.

(2) *Nos etiam (ut nostra quoque si quid id est adferamus) in Vincētio martyre quiuis apud vos reliquiae corporis sacrosanctae adservantur, ita cecinimus, quum de eius translatione ageremus.*



*gebitis, sacrosanctae huius academiae dignitatem et literariam rem propagabitis, ingenuam demerebimini iuventutem, vestrum autem nomen et existimationem aeternae memoriae victurae que posteritati consecrabitis.*

Fiando-se na sua grande autoridade científica (1) que fizera que a Academia em 1534 o chamasse de Evora (a ele, e não a Coelho) (2), Mestre André quis que o público de lentes e estudantes de Lisboa e Coimbra, a quem falára nesse ano e a quem se ia dirigindo em 1545, lhe dêsse fé, sem mais ampla demonstração, recordando-se d'esse passado e repetindo pelo reino fóra um simples *αὐτὸς ἔφα* — *ipse dixit*, e aclamasse a palavra *Lusíadas*, já repetida por muitos dos que então tratavam de glórias portuguesas em versos épicos na lingua de Lácio (3).

(1) Os contemporâneos desconheciam a mania das pias fraudes epigráficas que deslustram a fama do benemérito antiquário. Condennando-as, nem por isso estamos autorizados a julgá-lo capaz de faltar á verdade em outros assuntos.

(2) Logo no princípio do discurso declara que foi o município de Lisboa que o mandou vir.

(3) Estes começaram. Camões continuou, introduzindo o vocábulo na lingua nacional. Sem querer discutir se a criação foi feliz, direi quaes foram, a meu ver, as vantagens e desvantagens que ofereceu. A grande voga que teve entre os latinos deriva do facto de *Lū-sī-ă-dās* (respectivamente *Lusíadae Lusíadum* ou *Lysiades Lysíadum*, etc.), caber perfeitamente nos dáctilos do verso épico — muito melhor do que a forma usual *Lusitani Lusitanorum*. A grande semelhança que ha entre *Lusíadas Lusíades* e *Aeneíadas Aeneades* de um lado, e pelo outro lado a analogia entre *Os Lusíadas* e *A Aeneíde* (*Eneída* em port.) e *Iliada*, levou os leigos a transformarem o plural-masculino que denominava os *Lusitanos* como descendentes imaginários de um como patriarca *Luso Lysa* (*Elysa*, segundo outros), primeiro em um plural-feminino, destinado a denominar a epopeia de Camões, e afinal no singular *A Lusíada*, que pela sua vez produziu no estrangeiro *Lusiáde* e a burlesca forma *Luisiáde*.

Em prosa todos se serviam da forma *Lusitano* que, de resto, continuou a exercer funções de adj., mesmo em versos latinos. O país ora era *Lusitania*, ora *Lysia*, ora *Lysae regna*.

\*

Recapitulando :

Os primeiros trabalhos literários, até hoje conhecidos, em que foi usada a palavra *Lusiadas*, são de Rêsende : o *Encomium Erasmi*, escrito em fevereiro de 1531, e o *Vincentius*, composto entre outubro do mesmo ano e mês igual do ano imediato.

O primeiro trabalho literário em que a palavra *Lusiadas* foi tornada pública — por meio de impressão — é também de Rêsende : a *Oratio pro rostris* de outubro de 1534.

O primeiro e único latinista português que vindicou para si a paternidade da palavra e também a de *Tágides, tagano e trans-tagano*, é o mesmo Rêsende, nas Anotações ao *Vicente* (1543).

Este autor declarou também *ubi et orbi* que Jorge Coelho fôra um dos seus mais entusiásticos imitadores no emprego do vocábulo novo.

E este Jorge Coelho não o desmentiu.

Não sei que mais provas se possam exigir.

Porto, março de 1905.





